Correio das Artes

Ano I Número 5 SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A UNIÃO" Domingo, 24-4-1949

OS POETAS DE 22 E OS NOVOS

EDMUR FONSÊCA

PEQUENO depoimento nosso publicado em JOAQUIM e em que nos perguntávamos até que ponto poderão os homens de 22 orientar os que começam e que, como eles, não se podem contentar com as fórmulas já prontas, com as bem dosadas receitas dos mestres suficientes, levantou algumas dúvidas e vários problemas sôbre que será interessante meditar-se.

Em primeiro lugar, parece-nos natural o esgotamento de certas formas poéticas muito usadas e é axiomático — para muita gente — que a poesia, para manter-se viva, deve renovar-se inteiramente pelo menos em cada quarto de século.

Por que então levantam-se surpresas e incompreensões quando se discutem os valores, ainda há pouco indiscutíveis, do modernismo e se contrapõe, á impotência de superar-se dos epígonos mais velhos, a consciência mais universal, mais representativa e mais livre de após-guerra em que os moços participam ativamente das lutas cotidianas, alimentando-se das esperanças e trabalhos de cada dia, preocupados com o essencial elemento poético, com a obra de arte e com a vida?

Gostaríamos de representar o abismo que nos separa dêsses senhores; gostaríamos de emoldurar os seus caccetes já gastos e sua incapacidade de compreender-nos, acentuada cada dia.

Recentemente, o Sr. Álvaro Lins afirmou que uma das personalidades mais marcantes de sua geração gostaria de ajustar os seus pontos de vista sôbre o seguinte: ou estariam êles muito velhos, naquela idade em que não se compreende mais os moços ou a nova geração se encontra num caminho errado. "Não entendo — repete — o que escreve a maioria dos rapazes de hoje, e parece-me que há em muitos dêles a preocupação de ser complicado pelo simples gôsto da complicação sem que isto corresponda realmente ao assunto ou à técnica literária. Leio Kafka, por exemplo, e tudo nos seus livros eu sinto e compreendo, vendo lúcidamente os seus símbolos e me impregnando de sua atmosfera misteriosa. A mesma coisa me acontece em relação a Sartre e aos existencialistas".

Apenas, Kafka morreu em 1924, com 41 anos, na época em que se descobria o modernismo no Brasil e, a propósito dos existencialistas, não há nada de novo em sua linguagem que é velha, de muitos anos, filiada através de Kierkegaard, Heidegger e outros.

Quanto ao resto... duvido que Carlos Drummond possa aceitar e compreender integralmente, nos restringindo aos mineiros, a poesia de um Wilson de Figueirêdo, de um Jacques do Prado Brandão ou mesmo Bueno de Rivera, mais próximo dêle pelo temperamento e pelo tempo.

Que dirá Murilo Mendes de João Cabral, de sua contensão íntima, de sua procurada secura, do desnudamento absoluto de seus versos? E se é verdade o que se conta de Manuel Bandeira, confessando-se incapaz de "entender" jovem poeta do Pará, dos melhores da nova geração, confirma-se a certeza de que, diante do que começa, os velhos serão julgados como o foram, há 25 anos, os valores representativos da incipientíssima fauna literária nacional.

Não nos importa saber quem o maior; se Castro Alves, Bilac, Alphonsus de Guimarans ou Manuel Bandeira. Se Bilac não era uma bêsta, como se pretendeu, é possível que não o seja também a maioria dos homens de 22, a quem devemos também, é claro, a possibilidade de novos caminhos e a aurora brusca de novos destinos poéticos.

Afirmamos, em outro artigo, a urgência das estátuas, placas comemorativas e outras homenagens. E' de qualquer forma impossível não dar aos poetas que nos precederam o devido lugar

AUSENTE

CYRO PIMENTEL

SE MINHA AUSÊNCIA E MORTE
ATINGIREM NA TERRA UM CÉU SEPULTO
E MINHA VIDA NASCER DE UM GRITO
PARTIREI SÔBRE TRILHOS DE SONO
SEM ME DIZER ADEUS...

CANSADO ESTOU DE AURORAS SONOLENTAS:
VI-ME ENVOLTO EM BRUXOLEANTES CÔRES.
CANSADO ESTOU OUTRA VEZ, PORÉM
RETORNEI À DOR, COMO UM DEUS SEM CRUZ!

DE NOVO, MINH'ALMA EMBRIAGADA.
NAS SEPULTURAS — ÂNSIAS DE MIM — ME PROCUROU.
MAS AGORA, REGRESSANDO À VIDA, ME SINTO
COMO ESTRÊLA SEM CÉUS OU PÂNTANOS SEM LUA:
MORTO DE VIVER A MORTE!

como lição passada de inconformismo. Sòmente, depois de tanto sofrimento, tanto sangue e tanto desespêro, sentimos a necessidade de se pensar na poesia com mais seriedade, mais coragem e menos pieguismo.

E' útil repetir-se. Voltemos, portanto, a Mário de Andrade: "Faz-se necessário urgentemente que o arte retorne às suas fontes legítimas. Faz-se imprescindível que adquiramos uma perfeita consciência, direi mais, um perfeito comportamento artístico diante da vida, uma atitude estética disciplinada, apaixonadamente insubmersível, livre mas legítima, severa apesar de insubmissa, disciplina de todo o ser, para que alcancemos realmente a arte. So então o individuo retornará ao humano. Porque na arte verdadeira o humano é a fatalidade".

Os que pensam que a arte e a literatura se imobilizaram depois dêles estariam certos se se esqueces. sem disso. Boa parte dos novos caminha noutros sentidos. E estão vivos.

SONETO

MARIO QUINTANA

(Ilustração de FAYGA OSTROWER)

ESTOU sentado sôbre a minha mala
No velho bergantin desmantelado . . .
Quanto tempo, meu Deus, malbaratado
Em tanta inútil, misteriosa escala!

Joguei a minha bússola quebrada
Ás águas fundas . . . e afinal sem norte,
Como o velho Sindbad de alma cansada
Eu nada mais desejo, nem a morte . . .

Delícia de ficar deitado ao fundo
Do barco, a vos olhar, velas paradas!
Se em tôda parte é sempre o fim do mundo.

Pra que partir? Sempre se chega enfim...
Pra que seguir empós das alvoradas
Se, por si mesmas, elas vêm a mim?

A União

Fundada em 1892 Patrimônio do Estado

Diretor: SILVIO PORTO

João Pessoa, 24 de abril de 1949

CORREIO DAS ARTES

Orientação de EDSON REGIS

COLABORADORES

A. Accioly Netto, Aderbal Jurema, Afonso Felix de Sousa, Afranio Coutinho, Antonio Bento, Antonio Breyner, Antonio Franca, Bandeira Tribuzi, Bezerra de Freitas, Brito Broca, Carlos Romero, Celina Aguirre, Celso Otávio Novais, Clovis Assumpção, Clelia Silveira, Clovis Moura, Cyro Pimentel, De Castro e Silva, Djacir Menezes, Dilermando Luna, Edmur Fonsêca, Edson Nery da Fonsêca, Enrico Camerini, Evaldo Coutinho, Fernando Ferreira de Loanda, George Mattos, Gilberto Freyre, Guerra de Holanda, Hamilton Pequeno, Haroldo Bruno, João Condé, João da Veiga Cabral, João Cabral de Melo Neto, José Paulo Moreira da Fonsêca, José Lins do Rêgo, Juarez Batista, Lêdo Ivo, Lucia Miguel Pereira, Lopes de Andrade, Malaquias Abrantes, Mario Quintana, Manuel Bandeira, Manuel Diégues Junior, Maria da Saudade Cortezão, Nice Figueirêdo, Nilo Pereira, Orlando Romero, Otto Lara Rezende, Péricles Leal, Raul Lima, Reinaldo Moura, Sosigenes Costa, Tullo Hostilio Montenegro, Van Rogger, Wilson Chagas e Wilson Martins.

ILUSTRADORES

Arnaldo Tavares, Arpad Szenes, Augusto Reynaldo Carlos Thiré Cicero Dias, Fayga Ostrower, Helio Feijó, Hermano José, J. Lyra, Ladjane, Pancetti, Santa Rosa, Van Rogger, Yllen Kerr, Woller e Zuleno Pessoa.

LANÇAMENTOS DO IPÊ NA COLEÇÃO MINERVA

EM sua coleção "Minerva", recem-iniciada, em suas diversas séries históricas, literárias e sociológicas, o Instituto Progresso Editorial teve ocasião de lançar no últimos mêses as seguintes importantes obras de vulto mundial:

"Materialismo Histórico e Economia Marxista", de Benedito Croce; "Sociologia e Psicanálise", de Roger Batisde; "As Origens do Homem Americano", de Paul Rivet; "História da França", de Octave Aubry; "História da Literatura Russa", de Paulo Chostakowsky; "História da Literautra Italiana", de Attilio Momigliano.

Proximamente, o IPÊ publicará em sua coleção "Minerva", as seguintes e importantes obras já consagradas definitivamente pela critica universal:

"Históira da Idade Média", de Giacchino Volpe; "História da Italia", de Luigi Salvatorelli; "História da Espanha", de Louis Bertrand; "História do Esstados Unidos", de Charles e Mary A. Beard; "História da China", de René Crousset; "Histórai da Europa no Século XIX", de Benedetto Croce; "O Segundo Império", de Octave Aubry; "História da Revolução Soviética", de W. H. Chamberlain; "História da Literatura Alemã", de G. V. Amoretto; "História da Literatura Latina", de Concetto Marchesi; "História da Literatura Grega", de Gennaro Perrotta e "História da Literatura Norte-Americana", de T. H. Dickinson.

Trata-se sem dúvida de um programa cultural ainda sem paralelos no panorama editorial do país.

Chopin, Conquistador de Almas

JOÃO DA VEIGA CABRAL

ACABO de lêr, num pesado volume de análise e crítica musical, um capitulo severo sôbre Frederico Chopin. Fico, por momentos, com a cábeça cheia de pensamentos ruins á respeito da obra desse compositor que deixou romântico morreu, faz um século este ano, de tuberculose, de nostalgia pátria e de George Sand. Segundo a nossa filosofia popular, ele teria morrido simplesmente por ter chegado o seu dia, por que nem doença braba, nem morrinha d'alma e nem mesmo uma senhora temperamental podem acabar, antes do tempo, com a vida de um homem...

O excelente teórico que acabo de consultar sobre Chopin (*) — um dos mais notaveis musicólogos da atualidade, aliás — mete o diabo no estilo e na criação do eminente mestre polonês. E com uma proficiência uma convicção, uma frieza pedagógica capazes de abalar o conceito e esfriar o entusiasmo dos que, como eu, amam entranhadamente a música daquele suavissimo poéta dos nocturnos, o heróe apaixonado e vibrante das polonaises revolucionárias.

No capítulo mencionado, começa logo o analista por amaldiçoar, ùnicamente, o "estilo pianistico" apareci do com a obra de Chopin. E são bem razoaveis as suas restrições a esse estilo "cujos efeitos são deploráveis, sob muitos pontos de vista". E isto, principalmente, "porque as tonalidades são escolhidas para maior comodidade da digitação e não pela lógica arquitetural das obras".

Esse argumento é sério, convenhamos, dando lugar a toda uma série de conclusões que o corroboram. Não mesmo ainda diretamente contra Chopin, porém contra o perigoso apêgo de um compositor a um instrumento qualquer que o leve a pensar musicalmente em função desse mesmo instrumento. Esse chamêgo com um teclado ou com outro qualquer meio de fazer som, pode botar um músico a perder. Pode reduzir ao mínimo a sua capacidade criadora, desviando-o de meios mais amplos, mais livres, mais poderosos para a expressão da sua idéia musical. Daí, é certo, os caocêtes, os lugares comuns, o amaneiramento sensivel dos compositores forçados a restringirem, a modelarem as suas construções tematicas e harmônicas dentro das possibilidades e dos limites expressivos de um instrumento a que se ligaram muito intimamente.

Não se venha, sobre o assunto, mencionar, por exemplo, a Beethoven, por ter sido como foi um gigante do piano. Não serve para enfraquecer o argumento. E não serve porque, se é verdade, era grande pianista e escreveu muita música para piano (sonatas, solos para concêrtos, etc.), não menos verdadeiro é que ele nunca compôs pelo piano, em razão, em função, sob inspiração de um teclado. Papel, tinta e solidão, estes foram os seus proferidos materiais de trabalho.

Voltemos, porém, às opiniões do grande musicólogo já mencionado que conseguiu quebrar, embora que somente por alguns momentos, a continuidade da minha exaltada admiração por Chopin. Um pouco adiante do primeiro argumento tão sensato — ao meu ver — ele se sái com esta, de matar: "Chopin foi, antes de tudo, um grande improvisador, e isto mesmo o afastava das obras de alguma importância, sendo sua UNICA preocupação fazer luzir a sonoridade do piano". Grifei a palavra ÚNICA com lapis vermelho, na página do livro, e fiquei com ela tinindo nos miolos.

* * *

Era esta a opinião de um sábio, um crítico, um analista de fama mundial. Atacara, com muita razão, um estilo efetivamente detestável e perigoso, quando absorvente, tornando um FIM, na atividade criadora de um músico. E como esse estilo viera de Chopin, colocara-o, sem mais considerações, na classe dos compositores que escrevem tão somente pelo prazer de demonstrar as possibilidades sonoras do seu instrumento predileto...

Todavia, bem pouco durou o meu abalo. A minha fé nos críticos e nos analistas tem-se tornado, ultimamente, muito precária. E sempre preferí, confesso-o, a obra mesmo medíocre à mais profunda e sábia locubração estetica. Não ha nenhum pecado, penso, em confessar-se, sinceramente, a propria e convencida ignorancia...

Eu tinha, bem à mão, para o caso, o contraveneno indicavel. Alguns discos com músicas de Chopin estavam ao meu alcance. Puz um deles a rodar ao acaso, imediatamente aquela palavra danada que me queimava os miolos, o seu autor, a sua sabedoria e o seu livro foram espanados do meu pensamento. Todo um cortejo de imagens deliciosamente belas e suaves, tocadas de melancolica ternura, expressando um mundo de emoções delicadas, de sujestões sentimentais desfila pela minha mente, enternecendo-me. Era aquela valsinha em Dó Sustenido Menor, op. 64, n. 2, à qual James Huneker chamou de "a mais poética de todas as valsas". E ela, tão somente, escrita que foi por Chopin em 1846, três anos antes de sua morte, já com os pulmões despedaçados e o horror de um fim próximo no coração, varrera para bem longe de mim qualquer dúvida sobre a profunda humanidade da sua obra e o imenso poder do seu génio criador.

* * *

Após a valsa, vieram as consequêntes reflexões sobre o assunto. E fiquei a matutar, a formular hipóteses sobre o critério em que se apoiara o eminente técnico e crítico musical para chegar a tal conclusão a respeito do genial criador de tantas páginas formosas das quais se enriqueceu o patrimonio estistico universal.

Que o piano influiu, de modo positivo, na técnica de construção, na concatenação harmônica, na fraseologia melódica da sua composição, é uma verdade inconteste. Mas não uma verdade tão importante para a compreensão da Arte de Chopin como a de que, se o piano lhe deu os meios para a transmissão, para a mate-

Esta Paisagem

MALAQUIAS ABRANTES

Hás de sentir no cerne dos meus versos
— nessas legendas ásperas e nuas
que sómente se esculpem em rochas brutas —
um inevitável travor — um sempre desencanto.
Não procures saber porque êle existe,
se é moço o poeta ou se é descrente.
Passa ao largo, viandante, o teu nomadismo,
tua busca infatigável.
Não me tente a eufórica aventura
nem te contamines a amarga indiferença.
Mesmo porque
talvez um dia me cedas liberalmente
o corcel de patas inquietas
e te ofereça pressuroso
esta paisagem de horizontes vasios.

rialização sonora da sua chama criadora, muito mais deu ele ao piano, com uma alma nova que o transfigurou, conferindo a cada uma de suas teclas o mágico poder de exprimir uma emoção, um sentimento, um estado d'alma para cujas sutilesas a palavra humana não tem forma nenhuma representativa.

Como sucedeu a Scarlatti, com o cravo, a Corelli com o violino, a Bach com o orgão, ao gênio de Frederico Chopin coube a missão de elevar a expressividade do piano forte ao seu poder supremo, humanizando-o, espiritualizando-o, dando à sua técnica de desenvolvimento melódico e acordal uma nova riquesa de colorido, de musicalidade, de veemencia até então desconhecidos.

Não foi ele, aliás — como afirmou o teórico em apreço — o criador, o inventor, o iniciador do "estilo pianistico" tão verberado. Cumpre ficar bem claro esse ponto. Esse estilo nasceu e vinha lentamente se formando na prática dos grandes compositores e instrumentistas, a partir das primeiras manifestações românticas, aparecidas no final do Século XVIII. Schubert — pode-se dizer — já o iniciara, com aquelas maravilhosas harmonizações dos seus Lieder. E, depois, Schumann, Clara Wieck, Liszt, Mendelssohn, Thalberg e muitos outros pianistas compositores o desenvolviam e aperfeiçoavam quando Chopin o chamou a si, genializando-o. Pianista por educação e por inclinação natural, dono de uma técnica insuperavel, de uma intuição harmónica poderosa e original, de uma acuidade acustica altamente requintada, ele alcançou, facilmente, o domínio integral do seu instrumento. E o que fez dele — sentimo-lo através de toda sua obra musical — não pode ter sido o sonorizador de malabarismos virtuosisticos, de brilhantes e vasios ginasticos escalares, mas um grande coração sonoro, cheio da mais potente, da mais comovedora humanidade.

Pelo piano, o seu confidente e o porta-voz da sua musicalidade integral, da sua alma vibratil e apaixonada, Chopin enviou ao mundo de todas as distancias e de todos os tempos a sua mensagem de patriota desesperado pela escravidão do seu povo, a evocação comovida dos dias da sua juventude, as suas alegrias, as suas mágoas, as suas desilusões: a ternura imensa, a mansa melancolia que enchiam o seu ingênuo coração de ionga grande, já marcado pela morte. Sentimentos, emoções, vibrações de uma vida intensamente vivida e tão comuns às criaturas de todas as raças e de todas as épocas. Por essa mensagem tão viva, traduzida diretamente pelo seu piano ou passada para o pentagrama, ele conquistou e continuará a conquistar as almas de quantos tiveram ou tiverem a dita de o ouvir. A sua música é uma voz que ecoa, sempre, o pulsar dos corações. E' sentir forte e puro, em cadencias veementes e arrebatadoras. E' grito de liberdade e é submissão ao destino; é lé ardente e é maguado desencanto; é alegria ingênua e é desespero incuravel; é poética melancolía e é brado de entusiasmo delirante: impossivel se torna o escutá-la sem sentir uma íntima vibração correspondente.

Um técnico, um ezibicionista de falsa brilhação instrumental jamais poderia exercer sobre os ouvintes a atração sentimental que é a força maior da arte chopiniana. Um só acorde de Chopin, uma sua frase melódica valem, às vezes, pela sugestão musical de peças inteiras de outros outros.

* * *

Heine chamou-o de "querido filho das musas". Mendelssohn, Schumann, Liszt, Berlioz, Félis adoravam-no. Nietzsche admirava-o, profundamente. Mussenet dele disse que era "um gênio musical UNICO em sua personalidade". As plateias choravam e riam — como ainda hoje fazem — ante o encanto das suas melodías. Reis, principes, artistas, filosofos, homens do trabalho, homens do dinheiro, sábios e camponêses rusticos, mulheres de todas as classes e de todos os gráus de educação sentiram e sentem o deslumbramento de sua arte subjugadora. Pelo amor de que está impregnada a sua música, Chopin se faz amar. E, nesse apoio, descança a sua glória magnífica.

* * *

Se Chopin — em conclusão — foi um dos criadores do "estilo pianistico", a serviço deste, porém, jamais pôs a sua Arte, uma arte livre e absolutamente pessoal. Desse estilo ele se serviu, sim, dignificando-o, aprimorando-o, espiritualizando-o para por seu veículo lograr a ser o que foi — no dizer de Eduardo Ganche — um delicioso e irresistivel "conquistador de almas"...

(*) Joaquim Turina — Enciclopedia de Música — (Obra prefaciada por Manuel de Falla) Editorial Albatroz — Buenos Aires — 1944.

A ABDE E AS LETRAS

ADERBAL JUREMA

A Associação Brasileira de Escritores andou no cartaz, nas primeiras páginas dos vespertinos, em "manchettes". Eleições que seriam normais em uma verdadeira sociedade de intelectuais, na ABDE foi um Deus nos acuda. E muito pior do que as eleições, a posse da nova diretoria culminou com tabefes, insultos e tudo o mais que não ficaria bem em nenhuma sociedade do mundo, muito menos numa associação de homens de letras! E já que falamos em homens de letras, vamos dizer com franqueza que até hoje a ABDE não tem correspondido à sua finalidade. Ao invés de se preocupar, de princípio, com a situação de desamparo do intelectual brasileiro, a ABDE tem vivido de lançar protestos quando não na mais absoluta pasmaceira funcional.

Há uma guerra na China, uma revolução na Bolivia, um congresso político em Paris, e a Associação Brasileira de Escritores comparece logo com o seu manifesto tronitroante. Para que descer a coisas do cotidiano como o salário, os direitos autorais e outras bobagens se o mundo poderá mudar de rumo com o lançamento de um manifesto bem escrito?

Antes de ser uma sociedade profissional, a ABDE quiz ser uma associação de política partidária. Os grupos se degladiavam em torno de suas bandeiras ideológicas e esqueciam o principal: a situação de miséria do escritor brasileiro que tem de fazer ginasticas em outras profissões para poder viver. Agora reacendem-se as esperanças de que a ABDE retome à sua finalidade com a eleição do sr. Afonso Arinos para a presidência. Já está em tempo de ser uma sociedade de união e defesa da classe, dos que possuem o poder de expressão como única arma de luta por um logar ao sol neste mundo desumanizado. Todo escritor, seja qual fôr a sua orientação politico-partidária, deveria ingressar na ABDE com a consciência de intelectual e nunca com a idéia de homem de partido. Somente assim poderia servir à inteligência, ao invés de servir-se dela para propaganda de suas convicções políticas. Só assim a ABDE seria uma verdadeira sociedade de homens de letras e não um grêmio político onde todo mundo a troco de dez cruzeiros mensais recebe o pomposo título de escritor.

Vamos confiar em que o sr. Afonso Arinos não fará da ABDE um "bureau" de propaganda das idéias do "Indio Brasileiro e a Revolução Francesa"...

Como Vivem os Grandes Intérpretes da Poesia Inglêsa

BEZERRA DE FREITAS

NA ânsia de criar espaços, infinitamente próximos ou infinitamente distantes, o poeta realiza um exercício espiritual. A poesia torna-se assim uma evasão. Embora momentânea mas uma evasão, uma experiência, uma aventura. Colorindo e fazendo vibrar o silêncio o poeta sente que o mistério está sempre próximo e que os seus demônois interiores não o abandonam. Procura então, justificar-se, excursar-se, consagrar-se mesmo e o seu rítmo é o da sua consciência exaltada. As palavras se revestem de um sentido mais puro, permitindo-lhe captar toda a fluidez universal, as correntes melodiosas que percorrem o todo revelando a poesia como a própria voz da nossa existência.

Um poema nota Bradley, é uma totalidade, uma expressão concreta ou um som cheio de significação. E' constituido de uma literação de palavras que evoca uma literação das imagens e tendências.

A poesia traduz ao mesmo tempo, embora de forma contraditória uma teoria do conhecimento — pela fusão das épocas e das imagens — e o sentimento do desconhecido, mas sempre aureolada de flamas nuvens e torrentes. Herbert Read disse da poesia inglêsa que ela foi a poesia do homem na época do Renascimento, a poesia da religião com Milton e a poesia da natureza com o romantismo.

—No famoso Strand de Londres, John Betjemen dá-nos uma nova interpretação da poesia inglêsa e da poesia de todos os tempos com a mais alta utilização da palavra. Uma questão de ritmo de rima, de som e de observação. Betjeman analisa as figuras literárias preferidas no momento, para concluir que o **povo inglês está cheio de poesia. Gosta tanto de poesia que mal admite que se fale dela.** Os líricos mais fracos, da última canção popular, são cada vez mais recitados. Porque o ritmo e a memória das palavras são parte da herança britânica. A lingua inglêsa é a que se encontra mais adaptada à poesia; a literatura primitiva foi escrita em versos, não em prosa; a poesia está integrada na alma inglêsa; a métrica e a melodia da lingua são incomparavelmente ricas; e a poesia lirica é realmente apenas, uma canção popular com palavras musicadas, ao invés de terem estas a forma das notas para um instrumento musical.

John Betjeman aconselha-nos a ler e reler os poemas em voz alta observando os efeitos da leitura, ou seja, se a sentimos clara, obscura ou estudente. Em regra os grandes poemas são aqueles que, durante muitos anos, recitados por toda a classe de gente, suportaram a prova do tempo. O If, de Rudyard Kipling, será esquecido, mas o seu Danny Doover é imortal.

Imaginemos os versos de alguns dos grandes poetas do passado: Chaucer, Spenser, Milton, Wordsworth, Tennyson, Hardy, Keats, Coleridge, Marvel, Pope, Cowper, Swinburne, Browning, Mathew Arnold, Yeats, Shakespeare, Crabbe Isaac Watts. Primeiro, temos o ritmo; depois, o arranjo das palavras; em seguida a escolha dos vocábulos; e, por fim, a observação e o pensamento. Essa é a ordem do prazer que geralmente nos ocorre quando lemos um poema.

Alguns fanáticos do verso mistificado procuraram convencer a John Betjeman de que a poesia moderna é obscura, mas o critico do Strand, recusando-se a admitir aquele conceito, diz as produções de John Masefield Victória Sackville — West T. S. Eliot, Hilatre Bellcc, Cecil Day Lewis, Walter de la Mare, Dylan Thomas e Rev. Andrew Young cujas imagens julga bastante claras, concluindo-nos, por isso mesmo, a que leiamos as suas estrofes, em voz alta, no vagão do trem, no restaurante, no escritório, na cantina, onde for possivel lê-las. Devemos habituar a vista, a alma e a audição ao modo da poesia. E a poesia pode ser definida como alguma coisa que dificilmente seria bem expressa na prosa.

Da esquerda para a direita, ao alto: Victoria Sackaville West, Rev. Andrw Young, Hilaire Belloc e Walter de la Mare; e em baixo: Thomas Sterarns Eliot, Cecil Day Lewis, Dylan Thomas e John Masefield.

1 — JOHN MASEFIELD

Poeta laureado da Inglaterra. Tem setenta anos de idade e conquistou a Ordem do Mérito. Vive numa casa de pedra forrada de livros perto de Abingdon. Possui uma esplêndida voz para dizer versos e tem estimulado os recitativos de poesia nas tavernas. Afirma que prefere escrever cantos ao invés de poesia. Publicou mais de vinte novelas e diversas peças de teatro — produtor, nesse último género tendo se revelado um fecundo

— mas, do seu livro Collected Poems, já foram vendidos mais de duzentos e cinquenta mil éxemplares e não apresenta perspectiva de diminuir como best selier da poesia. Seu único filho morreu na guerra.

John Masefield faz a apologia da Beleza:

Eu já vi o raiar e o pôr do sol
[nas campinas e nos morros
[batidos pelo vento.
Beleza solene que se aproxima
[como as dolentes e velhas
[canções da Espanha.
Eu ja vi Abril, como uma da-
[ma sobraçando os narcisos,
Trazendo a relva primaveril e
[a chuva leve e quente.
Eu ouvi a canção das árvores
[em flôr e o antigo cantochão
[do mar.
E vi terras estranhas por entre
[as velas brancas e arcadas
[dos navios,
Mas as coisas mais lindas que
[Deus já me mostrou,
São a voz, os cabelos, os olhos
[e a linda curva vermelha dos
[lábios dela.

2 — VICTORIA SACKVILLEWEST

Esposa de Harold Nicolson vive num velho castelo, em Kent. Escreve em prosa e verso sôbre os seus jardins. Seu livro de versos mais conhecido é The Garden. Na infância morou em Knole, a grande mansão de Kent agora propriedade do "National Trust" sobre a qual, e evocando seus proprietários, a família Sackville, ela escreveu "Knole and the Sackvilles".

A aristocrática poetisa inglêsa traz, pela imaginação, à nossa presença, Os gatos maiores:

Os gatos maiores de olhos dói-
[rados
Espiam, fixamente, para fóra
[grades,
Onde há desertos e céus dife-
[rentes.
E as noites têm estrêlas varia-
[das.
Eles sondam a colina perfu-
[mada,
Amam da mesma maneira fe-
[roz que matam,
E mantêm a liberdade do seu
[desejo
De vagar, viver e beber à von-
[tade,
Mas, isso que está além de sua
[compreensão, eu sei,
O homem ama um pouco e
[mais tarde morrerá.

3 — THOMAS STEARNE ELIOT

Nascido em St. Louis Estado de Montana, completou, há pouco, sessenta anos de idade. Foi educado em Harvard Sorbone e Oxford. Anglicano devotado vive em Londres. Confessa-se apreciador dos bons vinhos. Tem escrito muita poesia e crítica. Recebeu, no Palácio Buckingham, a Ordem do Mérito.

Em Harvard realizou estudos sérios sôbre metafísica, ciência, lógica e cultura européia e oriental. Seu esforço maximo consiste na construção de uma ponte de conhecimentos profundos entre a época atual e a velha cultura ocidental. Nessa fase, suas indagações eram repassadas de um tom satírico:

Pois eu já conheço a todos, co-
[nheço a todos,
Já conheço as noites, as ma-
[nhãs e as tardes.
Já medi a minha vida com co-
[lheres de café,
Já senti o momento da gran-
[deza da minha vibração,
Já vi o eterno mordomo, segu-
[rando meu cansaço, e contive
[o riso,
Em suma, eu tive medo.

T. S. Eliot acentuou na sua poesia, a vulgaridade e a confusão do século vinte. Os Quatro Quartetos, publicados em 1944, são admitidos por muitos críticos como a mais notável obra poética aparecida durante a segunda guerra mundial. E, assim, Eliot se tornou uma das mais fortes influências de duas gerações de escritores, isto é, seus próprios contemporâneos e seus sucessores imediatos. Ele nos sugere a imagem da Terra Inculta:

Cidade irreal
Sob o nevoeiro pardo de uma
[madrugada de inverno,
Uma multidão cruzava a Pon-
[te de Londres, eram muitos:
Eu não julgava que a morte
[houvesse desfeito tantos;
Suspiros, curtos e raros, foram
[dados
E todos os homens fixaram o
[olhar para a frente.
Subiram o morro e desceram a
[rua Rei Guilherme
Em direção à Igreja de Santa
[Maria Woolnoth, que batia as
[horas
Com um som soturno na últi-
[ma badalada das nove.

4 — HILAIRE BELLOG

Com George Bernard Shaw é o último dos gigantes literários que restam do fim do século, na Inglaterra. Agora, com setenta e oito anos de idade Hilaire Bellog palestra e bebe vinho numa velha casa de campo, com moinhos de vento ao lado, no seu bem amado condado de Sussex. Vive cercado dos restos vivíveis dos seus grandes amores — a Igreja Católica Rômana e a França. Seus livros Cautionary Tales (Contos Cautelosos) e Children's Verses (Poesias Infantis) são provavelmente muito mais populares que as suas poesias mais sérias, porque são lidos, pela primeira vez, numa idade em que a memória é mais receptiva. Mas, seus epigramas, baladas, sonetos, odes e poemas a Julieta já constituem uma tradição. Mrs. Belloc Lowndes autora do The Lodger (O Hóspede) e outros livros era sua irmã. Seu filho Pedro morreu na guerra. Aqui está a sua Ode Dedicatória:

Nos lares tranquilos e desde o
[início

(Conclue na página 14)

POEMA

REINALDO MOURA

SENHOR, aos vossos pés, no limo do universo
Êste eterno clamor de um mar que ninguém vê.
Frágil e irracional no deserto sem praias
Um infinito entre eu, a larva, o impulso, o mêdo
E a possível compreensão de outras e outras constela-
[ções.
Senhor, sois o meu bestial inconciente, esta criança de
[pupilas profundas?
Êste grito entre o clamor marinho repetindo
Num ínfima escala o absoluto da eternidade?
Os deuses de pedra adormecidos sob a narcose azul
[do tempo?
Os símbolos imóveis brotando da ferocidade inquieta
[daqueles homens perdidos?
Sois o pai devorado pelo ressentimento e redivivo no
[pavor
O braço imenso entre as estrelas, os signos astrais em
[cada poeira efemera de século?
Mas eu vos pedi e vós me destes no silêncio
Como o gesto invisivel dos enigmas
Eu vos solicitei e nenhuma coluna de fogo, um pássaro,
[a tormenta, a presença da graça...
Nenhuma. Apenas vós me destes a força.
Estava em mim mesmo? No verme? Ou era o mistério
[desmedido?
Porque, para lá das limitações de nossos insignificantes
[abismos
Sois o impensavel, Senhor!
Nessa conciência, em marés cinematográficas capta
[algumas realidades, e mundos imaginários
Leve, a perder de vista, em marés do acaso.
Não anda aqui, do outro lado do cotidiano, quase pal-
[pavel sem que ninguém explique essa presença?
Do outro lado do cotidiano, das calmas superficies da
[vida do dia a dia, do outro lado das coisas familiares
Onde se aninha o mistério como às vezes a suspeita da
[existência de uma asa efemera e branca, vai-se
[ver, erguer o reposteiro, afastar o movel e é só o
[silêncio e a poeira.
Entretanto, o tempo que contém os movimentos geradores
[das formas,
Se esvai. O tempo flui e sentimos a eternidade.
A hora solar morre na sincope da côr.
A sombra, como o minuto dourado
Só adensa o mistério e nada explica.

* * *

Aquela estrela tão longe, longe...
E todos os homens adormecidos.

Um Sociólogo Ignorado

NILO PEREIRA

AQUI, ao meu lado, na imensa faina de fazer o jornal ou melhor, de "cozinhá-lo", está o velho jornalista Silvino Lopes.

Gostaria de fazer o seu retrato completo, nesse grave e dificil oficio, embora para Silvino Lopes o mundo êle mesmo, não tenha nenhuma gravidade, sendo, antes, essencialmente cômico; e dificuldades não havendo senão para os menos inteligentes e menos esportivos.

Silvino entra pontualmente na sala da redação. Traz um ar descansado, mas, em verdade, lutou o dia todo em outros tantos jornais, mantendo secções diárias assinadas, e outras que não assina mas onde o estilo é verdadeiramente o homem. O homem com a sua "verve", sua ironia e também sua indispensavel piedade. O homem inegral por conseguinte.

Tendo um ar Casmurro, Silvino Lopes podia parecer austero e intransponivel se, ao primeiro período que sái de sua pena, logo não rebentasse o admiravel ironista a descobrir nas coisas mais solenes a ponta da irrisão. E pondo ao lado das severas regras a que uma secretaria de jornal está subordinada as lições mais amáveis de Eça ou de Camilo ou de Santo Tirso, ei-lo a trabalhar, sempre calado sempre casmurro, sempre tacitirno, mas com um imenso espirito a bailar sôbre os assuntos, sempre inquieto, sempre curioso, sempre iluminado

Eu vos darei uma prova. No primeiro dia de sua vinda para êste jornal, edição matutina, o magnifico casmurro da Estrada de Belém tirou calmamente seu palitó atroxou um pouco o laço da gravata para aliviar-se do calor urioso tirou dos óculos e da pena (Silvino não escreve à máquina) sendo contrário, como bom romântico ao jornalismo motorizado, acendeu um daqueles charutos que Eça pôs em alguns dos seus personagens atravessando o largo do Rocio e iniciou uma secção para a qual não há outro adietivo capaz de dizer tudo: uma secção silviniana. Essa secção tem uma legenda que é simplesmente genial, pois se fôssemos procurar um dito, uma inscrição, um cartaz, uma palavra, uma alegoria que representasse o Brasil inteiro, num retrato total e legitimo, nada seria capaz de superar êsse titulo dado à sua secção diária nesta folha por Silvino Lopes — "DE VAGAR E SEMPRE".

O secretário não vinha apenas "cozinhar" o jornal; vinha também batizar a vida brasileira com uma sugestão profunda, que não é outra senão a nossa psicologia, o nosso "eu", o nosso meio, a nossa constante sociológica.

Em verdade, leitor amigo não andamos depressa nem temos açodamento pelas coisas. Somos um povo calmo, ainda lírico, heroicamente poético: e nem por isso somos atrazados e displicentes. Não estamos nem muito na frente nem muito atrás; andamos sem os perigos da pressa e sem o entulhos do atraso. Não desejamos um foguete para ir à lua ou ao Rio de Janeiro, mas também não pretendemos voltar ao carro-de-boi, que era o progresso em câmara lenta. Não corremos; mas, em compensação, não paramos. Que admiravel legenda para resumir essa nossa vida pacata e evolutiva: "DE VAGAR E SEMPRE".

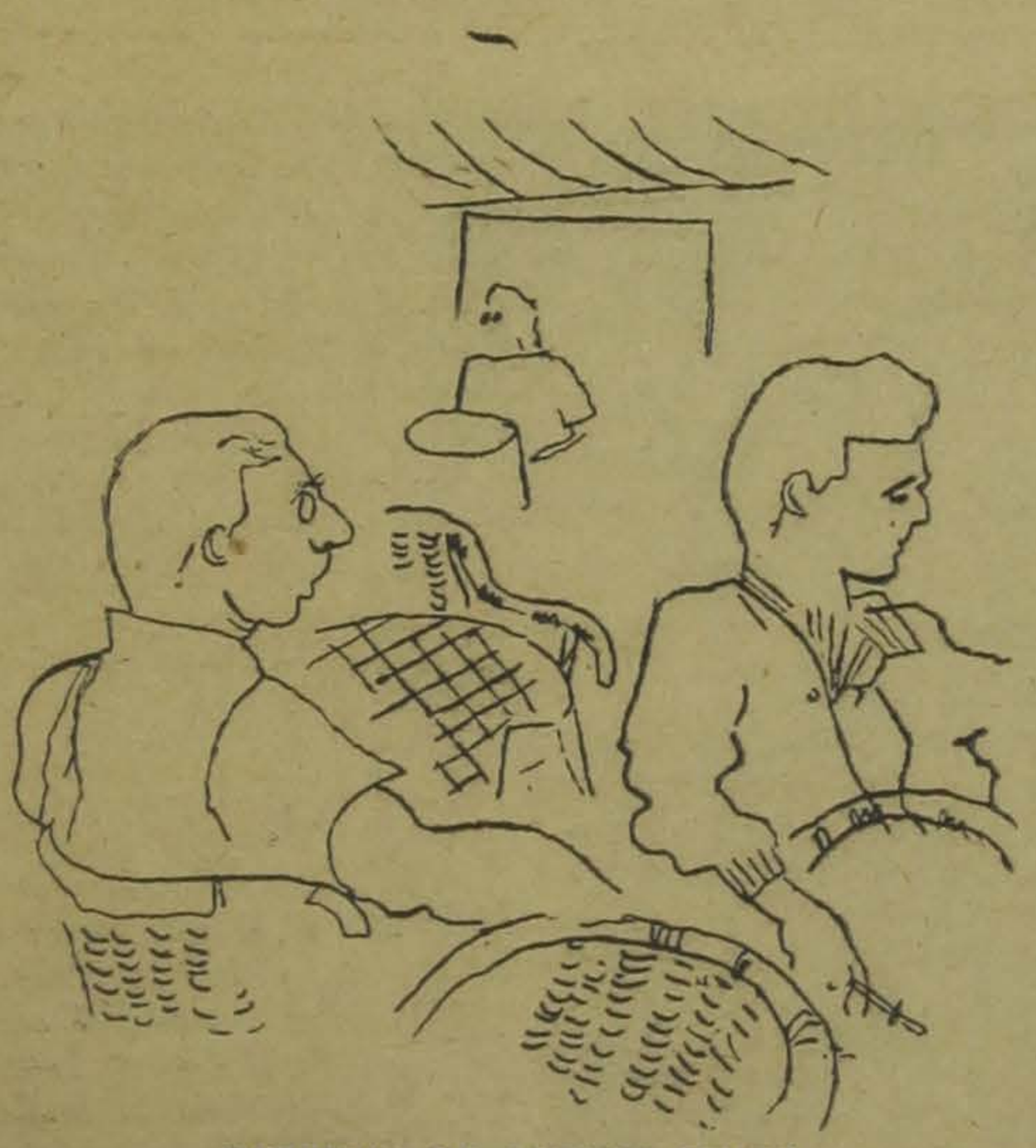
Não há coisa nenhuma em sociologia que diga tudo quanto está dito nessa expressão de Silvino Lopes. E' uma "constante"; eis tudo. Depois, repare o leitor que imenso sedativo espiritual contra os críticos, os maldizentes, os inconformados, quando nos acusam de retrógrados e preguiçosos. Ao invés de monótonas estradas, conclamando o nacionalismo inteiro a ficar de pé, vigiando e orando; ao invés de revides histéricas, solenes e acacianas; ao invés de citações gordas, obrigatórias e medonhas; ao invés de duelos, de desforços, de caras quebradas, digamo-lhes simplesmente: — "De VAGAR E SEMPRE". E é como se a ducha do bom senso caisse sôbre a exaltação das almas, numa suavização balsamica dos sentimentos desordenados.

O autor dessa profunda frase sociológica não tem pressa. A frase é o homem. Se sôbre a sua mesa de secretário de jornal acumulam-se os papéis, tudo vai calmamente sem os arremessos do exagêro que não admite o açodamento inimigo da perfeição, nem explica a lentidão, inimiga do progresso. Silvino é inalteravel na sua lógica e no seu método. Sua fórmula tem um imenso conteúdo: é uma filosofia da vida. Duvidam dela? Vejam no dia seguinte o jornal. Duvidam do Brasil dos seus homens, das suas instituições? Vejam o que somos, o que representamos perante o mundo. Os céticos da véspera são os satisfeitos do dia seguinte. E tudo isso porque temos a justa medida: "DE VAGAR E SEMPRE".

Aí está o que descobriu Silvino Lopes naquela noite de um calor tenebroso, quando pegava da pena para escrever sua legenda esplendida, batizando não apenas uma secção de jornl, mas a todos nós que, sem impulsos desordenados, sem nervosismo sem sofreguidão, vamos trabalhando, vamos vencendo, vamos construindo o nosso progresso e a nossa nacionalidade. Esse é que é o sociólogo: com uma pincelada disse tudo. Não pôs bibliotécas abaixo. Não se desfez em citações e não se enredou em paralelos políticos. Disse apenas: "DE VAGAR E SEM-..RE". E foi insuperavel.

Depois de haver pintado o retrato de Eça de Queiroz, uma coisa faltava a Rafael Bordalo Pinheiro: a legenda. Ramalho achou o retrato genial; mas, a legenda? Foi quando Bordalo, tocado da centelha divina, escreveu: — "Honny soi qui mal y pense". Silvino Lopes não foi menos feliz. E só os maus os pérfidos, os insanos encontrarão na sua pincelada genial a malicia e a perversidade que êle não teve fixando uma "constante" sociológica, como não teve Eça, farpeando toda uma sociedade para mais depressa reconstrui-la.

Silvino Lopes secretário do jornal, homem ameno e casmurro, era um sociólogo ignorado. Campo Grande abriu luta com Apipucos. Estou com as forças que vão partir de Campo Grande e que marcharão sem pressa e sem insanias "DE VAGAR E SEMPRE".



DESENHO DE CARLOS THIRÉ

MURILO MENDES NA "CASA DO MEU AVÔ"

EDSON NERY DA FONSECA

Fotografias de DELSON LIMA

NA véspera do seu regresso, depois de vários dias no Recife, o poeta Murilo Mendes me disse que êle e Maria da Saudade Cortesão tinham a impressão de ter visto, senão tudo, pelo menos o que há de mais característico nesta bôa cidade. A Diretoria de Documentação e Cultura encarregou-se de mostrar ao casal de poetas não apenas os monumentos históricos e os edifícios públicos, mas aqueles recantos que podem parecer desprezíveis aos olhos dos visitantes gulosos apenas de sensacionalismo tropical, mas que não deixam de oferecer certo encanto a um homem e a uma mulher da sensibilidade de Murilo Mendes e Maria da Saudade Cortesão. Encarregou-se também a mesma Diretoria de apresentar o casal de poetas às pessoas interessantes da cidade, essas pessoas sem as quais não podemos compreender o Recife. Pois o que nos encanta nesta cidade é menos a sua paisagem ou o seu conjunto arquitetônico do que os homens e as mulheres que povoam essa paisagem, que habitam essas casas, andam por essas ruas e pontes, passeiam por essas praças, entram e rezam nessas igrejas, bebem e conversam nesses bares.

Só lamento é que, tendo insistido junto a Murilo Mendes durante os dois anos em que residi no Rio de Janeiro para que êle atendesse ao convite da D. D. C. e viesse ver o Recife, quando o poeta se resolveu, afinal, a deixar os seus livros, seus santos, seus discos e seus quadros — êsses livros, santos e quadros tão bem arrumados no quarto da Rua Senador Vergueiro e depois, na casa da rua Ibituruna — e tomou o avião que o transportou até aqui — só lamento é que nesta ocasião eu não estivesse mais na repartição do edifício dos Bancários, para acompanhar Murilo Mendes e Maria da Saudade nos passeios que fizeram pela cidade.

Como funcionário da Diretoria de Documentação e Cultura tive oportunidade de mostrar o Recife e muita gente ilustre que passou por aqui. Nessa tarefa, travei conhecimento e cheguei até a fazer bôa camaradagem com visitantes da importância de Robert Smith, Vianna Moog, Kenneth J. Conante e, mais recentemente, do ex-ministro da Tchecoslovaquia no Brasil. Quiz o destino, entretanto, que eu não estivesse mais na D. D. C. quando aqui chegou aquele a quem durante dois anos eu acalentei o desejo de mostrar o Recife: o poeta Murilo Mendes.

Por várias vezes manifestei ao poeta êsse desejo: naquelas inesquecíveis tardes de sábado, no seu igualmente inesquecível quarto da rua Senador Vergeiro. Mas estava escrito que não seria eu o cicerone de Murilo Mendes no Recife. Desincumbiu-se da honrosa tarefa o meu prezado colega Ernani Cordeiro, o que me obriga a reconhecer que fui muito bem substituido. Estas notas, aliás, já estavam tomando, contra a minha vontade, um sentido elegíaco; sendo tempo de esclarecer que eu não estou aqui só para me lamentar, como um Jeremias de província. Ao contrário: o meu desejo é justamente o de lembrar, a propósito da estadia de Murilo Mendes no Recife, duas visitas que foram, talvez, as mais comoventes que êle fez aqui e das quais, excepcionalmente, tive a alegria de participar: as visitas à casa onde morou o poeta Manuel Bandeira, à rua da União.

As fotografias que ilustram estas notas fixam aspectos de uma dessas visitas. A casa que nelas aparece é a própria "casa do meu avô", evocada por Manuel Bandeira no seu conhecido poema:

A casa do meu avô...
Nunca pensei que ela acabasse!
Tudo lá parecia impregnado de eternidade
Recife...
Meu avô morto...
Recife morto. Recife bom. Recife brasileiro como uma casa do meu avô

***

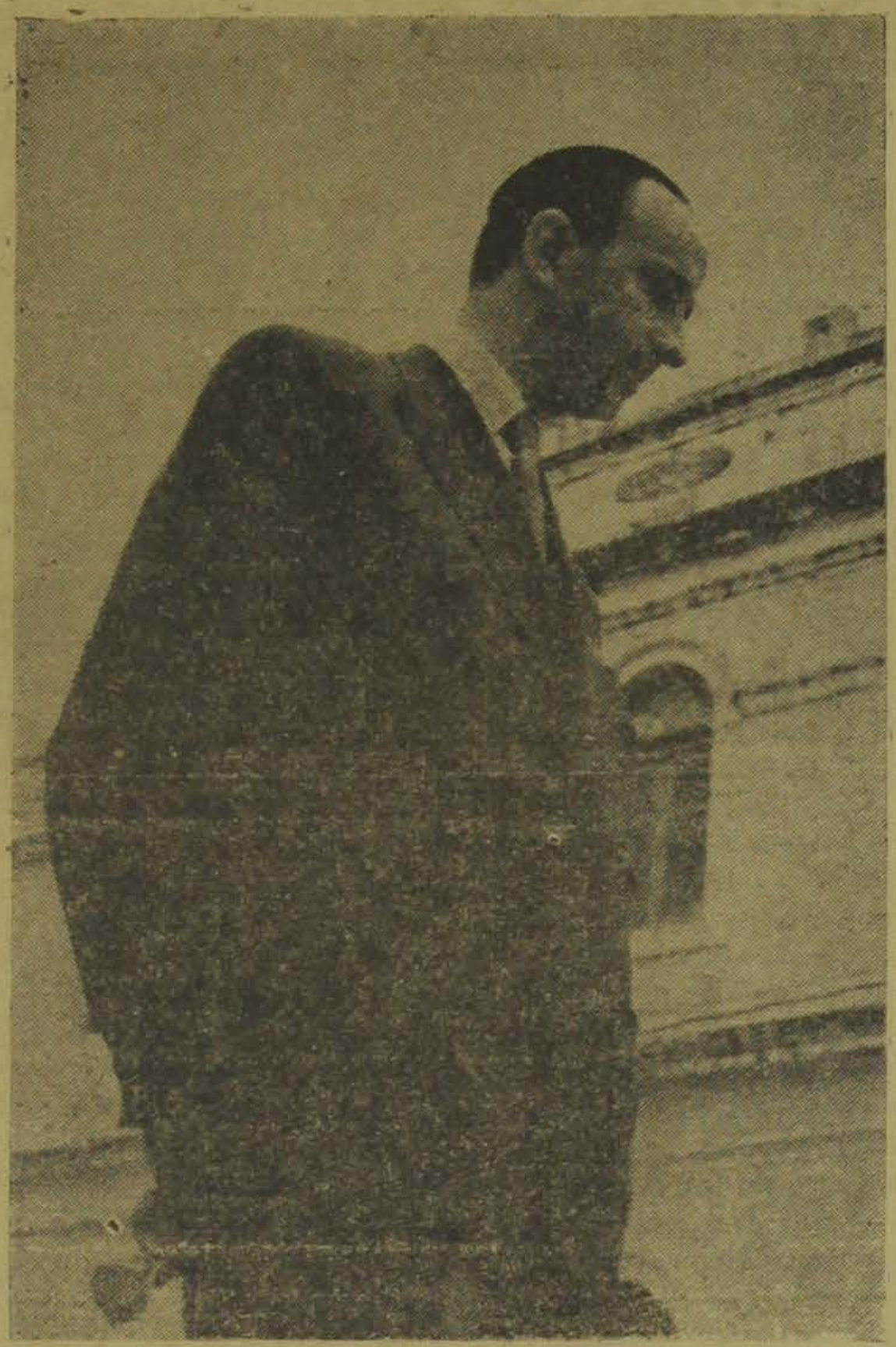
A primeira visita foi feita na tarde em que o poeta chegou ao Recife. Já estava escurecendo quando o automóvel entrou na Rua da União. Os versos de Manuel Bandeira estavam bem vivos em nossa memoria:

A rua da União onde eu brincava de chicote queimado e partia as vidraças da casa de dona Aninha Viegas

Onde seria a casa de dona Aninha Viegas? Não sabíamos. Apenas pude identificar a "casa de meu avô", pela fotografia que aparece no livro Homenagem a Manuel Bandeira.

Rua da União, número 263. Existe o prédio. Mas a "casa do meu avô" — "Nunca pensei que ela acabasse! Tudo lá parecia impregnado de eternidade" — a casa do meu avô acabou-se. Hoje é uma banalíssima casa de pensão, cuja proprietária, depois de informada por Murilo Mendes de que ali residira, durante a infância, o grande poeta Manuel Bandeira, respondeu: "ah! vou tomar nota porque isto terá um grande cartaz para a mi-

No páteo — "núcleo de poesia" — Murilo Mendes e Maria da Saudade Cortesão pensam no poeta Manuel Bandeira



O GRANDE POETA MINEIRO, EM FRENTE À CASA ONDE MOROU O GRANDE POETA PERNAMBUCANO

nha pensão". E cordialmente deixou-nos entrar e percorrer toda a casa.

Trata-se de um velho sobrado português, com seu grande corredor de entrada, seu páteo, sua telha-vã aparecendo em tôda a extensão do andar superior. As fotografias foram tiradas por Delson Lima na segunda visita que Murilo Mendes fez à velha casa da Rua da União. Não saíram muito boas em virtude do mau tempo que fazia naquela manhã. Fomos recebidos com a mesma cordialidade pela dona da pensão. Subimos ao primeiro andar. Murilo e Maria da Saudade deixaram-se fotografar no páteo — o páteo mencionado no poema "Infância", que é uma continuação de "Evocação do Recife":

O pátio — núcleo de poesia.

Em dado momento, Murilo voltou-se para a dona da pensão e disse: "era daqui que o poeta Manuel Bandeira ouvia os sinos anunciando incêndio em Santo Antonio. Mas Totonio Rodrigues achava sempre que o fôgo era em São José". A pobre da mulher não entendeu nada. Talvez tenha pensado que eramos uns malucos. Que Manuel Bandeira era êsse que havia morado ali há tantos anos? Que história era aquela de casa do meu avô, de Totônio Rodrigues e dona Aninha Viegas? Para ela, aquela casa era apenas a sua pensão. E de fato, onde estavam as famílias que depois do jantar "tomavam a calçada com cadeiras, mexericos, namoros, risadas"? Onde estavam os meninos que brincavam no meio da rua? E as meninas que cantavam, a distância, com "vozes macias"? Foi quando nos lembramos do poema "Profundamente", onde o próprio Manuel Bandeira respondeu a todas estas perguntas:

Estavam todos dormindo
Estavam todos deitados
Dormindo
Profundamente.

FRAGMENTOS

JOSÉ PAULO MOREIRA DA FONSÊCA

AUDÁCIA e rigor, as duas hastes sustentando a corda onde dançamos a verdade.

Um funeral de rei encena o grande estilo no episódio barroco. Círios acesos relumbrando pelo ouro e pela prata, grandes cortinas púrpura, um céu tardio. A beira do palácio arrieiros se divertem com fábulas libertinas.

Os papéis que representamos nos apagam o eu essencial: mas como também nos defendem dos abismos sôbre os quais aquele se suspende.

De que lugar o desmaiado volta a si?

Como é profunda a vida das palavras. Assim, clemência, já densificada pelos homens, o som admirável (os belos nasalados graves do português), e ainda cheia de conteudo, um estilo clássico, uma teoria cristã. Haendel. Colunas brancas e a alegria de estar tudo perdoado.

Uma das energias do espírito é a ingenuidade com que acredita em tôda a ouro renovação.

O signo desta vida é a esperança — um dos modos mais intensos de levá-la é prever a existência futura da qual ela é simbolo. O ocidente foi muito construido por êsse heroismo.

Um passaro que viajasse pela noite desde o inicio dos séculos, sempre viajando, sempre, e invisivel as nossas pupilas, para um dia exangue tombar na campina de Josaphat.

Na inteligência podemos assistir duas cenas chave: um monólogo, o eu pensa e o eu escuta, na segunda êsse último duvida, travou-se o diálogo.

Uma das mais palpáveis provas do quanto dependemos dos outros é a vaidade.

A porcelana chinesa vinha no porão dos grandes veleiros de Macau. Como êsse puro e antigo ato de mercancia estéticamente valoriza os nossos jarrões ancestrais.

Temos uma visão densamente brumosa da fronteira entre o objetivo e o subjetivo. Pelo amalgama vital dêsses dois termos em quase tôda a nossa existência consciênte, a confusão de planos não é só generalizada como até natural. A simples análise da leitura dessas asserções as confirmará plenamente.

Não nos apegamos às coisas, preferir o que as coisas dizem de nós e em nós. Assim manter a hierarquia dos seres.

Na ação afirmamos alguma verdade.

No primeiro relance o passado se reveste de uma ferrugem colorida como o azinhave, uma ferrugem que apaga os tons sombrios e toscos. Lembremo-nos do Império Bizantino, das Cruzadas, ou dos Descobrimentos. Atravessa a bruma apenas o que deslumbrava.

O herói é aquele que responde a intensa fôrça adversa. Se a desproporção fôr grande, será uma vitima ou um truão.

Nitidez, visão lúcida, ter a intimidade tão verdadeiramente ordenada como um dos interiores de Vermeer. Assim, armados para a existência.

O grande drama do homem é não haver solidariedade entre o eu presente e o eu futuro. O cerne dêsse egoismo do homem-tempo contra o homem-eternidade reside antes de tudo na impaciência de logo atingir a desejada intensificação.

VARIAS

OUTRA REVISTA DE NOVOS

Dentro de mais alguns dias dverá ser apresentado ao publico a revista "Ponto e Virgula", que vai refletir o movimento dos "novos" campinenses.

Com o aparecimento da referida revista, já se poderá dizer que a nova geraçãç de Campina Grande não está indiferente aos problemas de ordem literaria que ora estão sendo debatidos no pais.

POEMETOS

Stuarte de Alencar é o autor do livro de poemetos agora publicado sob o titulo de "Teus olhos únicos no mundo".

Poesia intimista, poesia suave e ingénua, lirismo que tem sua beleza, derrama-se por estas páginas.

O beijo é um tema dos mais frequentes. Apenas uma vez por outra a linguagem poética recebe invasão de têrmos duros e dificeis quue lhe quebram a singeleza sempre desejável.

D. CAROLA

Não chega a ter cem páginas êsse livro de estréia de Roberto Lôbo, "D. Carola", romance. Dir-se-ia o produto de uma pressa em lançá-lo, em vez de adestrar-se mais longamente o autor no uso das armas que evidentemente possui, boas armas de narrador, de dialogador, de caricaturista de tipos e costumes.

Olivro revela, efetivamente, qualidades marcantes, que são ressaltadas por Adelino Magalhães no prefácio, quando diz que todo o interêsse da "novela" está "no desenho dos tipos, na feição caricatural das cenas e na expressão vocabular bastante original".

O livro foi lançado por Pongetti.

LIVROS DOS SONETOS

O poeta Jorge de Lima entregou á editora Livros de Portugal os originais do seu "Livro de Sonetos", a aparecer brevemente.

O JANGADEIRO DA ABOLIÇÃO

A historia da participação do Ceará na campanha abolicionista, resultando na antecipação de quatro anos a libertação dos escravos no território da provincia — desde então chamada "Terra da Luz" — é efetivamente das mais apaixonantes. Dentro dessa história há uma figura humana admirável, a do jangadeiro Francisco José do Nascimento, homem de côr e sem instrução, lider do movimento que fechou o pôrto de Fortaleza ao tráfego negro.

O episodio atraiu a atenção de Edmar Morel, o repórter que escreveu "Padre Cicero, Santo do Joazeiro", "E Fawcett não voltou" e "Gago Coutinho e sua vida aventurosa", levando-o a ouvir atentamente a tradição oral, a consultar-se com historiadores, a fim de suprir a ausência de documentação nos arquivos. Diz êle: "O que se fazia necessário, antes de mais nada, era tirar da obscuridade e do esquecimento um homem da ralé, que a golpes de audácia e com o espirito sempre voltado para o bem da Humanidade tornou-se idolo do seu povo. Mais do que idolo, na expressão de José do Patrocinio: — Um colosso de bronze, no tope de uma jangada, desafiando as iras do Império, em meio dos verdes mares bravios do Ceará..."

A vida dêsse jangadeiro e os sucessos históricos do seu tempo são o motivo do novo livro de Edmar Morel, "Dragão do Mar", uma reportagem viva e fiamante no século passado.

EXPOSIÇÃO DE PINTURA

O Centro de Artes Plasticas da Paraiba prepara-se para apresentar, em setembro do corrente ano, o seu 3.º Salão de Pintura, devendo concorrer ao mesmo, os pintores e desenhistas que participaram dos salões anteriores, estando entre eles J. Lyra, Serrano, Clerot, Edesio Rangel, Oden Bezerra, Leonardo e Hermano José.

Comvém acentuar que, na proxima exposição serão apresentados quadros de pintores nacionais e estrangeiros o que constitui uma iniciativa de grande alcance.

DOCE FRAGANCIA DAS CAMPINAS...

O ESCRITOR paraibano Luiz Pinto, autor de vários trabalhos historicos, assim explica o seu romance de estréia, "Terra Séca":

— E' a crônica do chão quente do Nordéste, das varzeas e do agreste, das caatingas e do litoral, na doce fragancia daquelas campinas que ora se vestem de flores e orvalhos no contacto das chuvas dos céus, ora se despem, no rigor das estiagens, para carpir com o homem as dores da sua secular desventura.

MIGUEL TORGA

ORFEU E

A REVISTA "Orfeu" está merecendo a atenção e o interesse de vários grandes escritores portugueses. Entre estes destaca-se Miguel Torga, que enviou a Fernando Ferreira de Loanda, diretor da conhecida revista, uma carta entusiastica, da qual destacamos o seguinte trecho:

"Já sabia da existência da revista, e tive muita alegria em verificar que ela merecia o alvoroço com que me foi anunciada. Tenho pena de não conhecer os outros números, e ficar-lhe-ia muito grato se quizesse ter a bondade de nos enviar à cobrança e de me considerar assinante.

Não faço diferença entre portuguêses e brasileiros. Parte da minha mocidade foi passada aí, e é sempre com ternura de filho que recordo essa terra. Mas gosto de saber que nasceu em Loanda e que ajuda a animar um movimento literário no Brasil. E' uma aventura bonita e bem nossa".

ISAIAS CAMINHA

ESTÁ sendo distribuid aos assinantes do Circulo Literário do Brasil, conforme estava programado, a nova edição, encadernada, das "Recordações do Escrivão Isaias Caminha", de Lima Barreto, no qual se focaliza a vida carioca, especialmente a imprensa, no primeiro quartel dêste século.

A edição, que é a quarta dêsse excelente romance está prefaciada por Francisco de Assis Barbosa, biografo do autor.

LIVRO DO MÊS

A seleção "Livro do Mês" de abril, já em distribuição, é "Carlota Joaquina", do escritor e diplomata inglês Marcus Cheke, biografo do Marquês de Pombal.

Em "Carlota Joaquina", Marcus Cheke descreve com vivacidade os acontecimentos históricos da época: a luta pela independência do Brasil, a par dos movimentos de libertação em toda a América do Sul e do ideal constitucionalista que dominou a Europa, após a queda de Napoleão. D. João passa a um segundo plano, imperceptivelmente. Carlota Joaquina continúa a sua trama diabólica, a sonhar para si e para o filho mais moço a posse de reinados impossiveis. D. Miguel, após a morte do pai, assume o trono de Portugal, instaurando um regime de força e de violências. De todo êsse tumulto, emergem, entretanto, duas nações libertadas da opressão: Brasil e Portugal.

Esboroou-se, assim, como um castelo construido na areia o sonho alucinante de Calota Joaquina. "Carlota Joaquina", de Marcus Cheke, é uma edição de José Olimpio.

Aos assinantes que o desejarem, o livro do Mês envia, além da seleção ou em lugar desta, "José no Egito", grande romance de Thomas Mann, tradução de Agenor Soares de Moura, edição da Livraria do Globo.

Poesia e Calcio

WILSON CHAGAS

COM Lêdo Ivo sucede um fenômeno que, se é comum em poetas novos não deixa de ter, no seu caso, um sentido especial. Refiro-me à sua plétora poética. O autor de Ode ao Crepusculo (Pongetti, 1948) está inundado de poesia, vive com ela em perene núpcias. A poesia toma conta dele e, quase diriamos, faz dele o que quer. As emoções não sofrem nenhum processo de auto-crítica: se impõem ao poeta e o arrastam consigo; o poema como que brota espontaneo dentro dele, dispensando a luta com as palavras, a conquista da expressão. E como o que não lhe falta é folego, ele é naturalmente, levado a exprimir-se em ritmos longos — o que dá lugar a uma certa facilidade nas suas soluções técnicas.

Mas é sobretudo na substância poética que essa espontaneidade o prejudica. Ele parece não exigir muito de si mesmo, contentar-se com o fácil e o imediato. Lêdo Ivo pertence, aliás, à categoria dos poetas faceis: e como todos os poetas faceis a sua força não está na originalidade, na profundeza de concepção ou na agudeza das imagens — mas na pujança verbal. Mais uma razão para ele disciplinar melhor o seu talento. Eis um poeta que deveria se prevenir mais contra si mesmo, conter nos justos limites a sua excessiva facilidade.

Um teste para a verdadeira poesia é o seu poder de despertar no leitor ressonância profundas. Não se lê impunemente os poetas. Muito tempo após a sua leitura ainda se prolongam em nós os seus efeitos. Acontece, às vezes, saltar-nos da memória uma estrofe, um verso, ou uma simples imagem, que nos tocou particularmente. E é dessa forma que a poesia nos ajuda a viver; ela faz com que nos encontremos a nós mesmos, nos enriquece e nos consola.

Tal não acontece com os poemas de Lêdo Ivo, a não ser num que outro verso, como nestes:

"Vem, amor, ferido da alma, com a tua calma
de extração sem dôr"!

Ou naquele admiravel trecho em prosa poética, de evocação à Mulher: "Mulher criatura doce e agressiva, fonte de orgulho, que mais queres? Te dou minha existência, e fico olhando os cardumes de sonhos impossiveis que bordam teus vinte anos incompletos. Mulher beleza que passa, encontro com a morte, fanfarra de outono, se o amor foi feito para que eu te amasse, por que não te entregas aos seus mágicos efluvios? Fala princesa! Debruça sobre mim graça de teus olhos, que nunca percam essa violenta maneira de amar fitando. Fala, sopro de vento, pedra. Canta visita, forma junto à janela, lembrança de luz que a poesia inunda".

Lêdo Ivo converte em poema tudo que o cerca, a natureza e o cotidiano, o amor e a alegria de viver — sobretudo a alegria de viver. E é neste estado de permanente euforia criadora, de plenitude pagã em face da vida, que a sua poesia tem algo de novo a oferecer. As suas odes são cantos de louvor à simplicidade das coisas, à beleza da vida, ao mistério do amor. Delas estão ausentes as angústias do nosso tempo; "tempo de partido, tempo de homens partidos", como o vê Carlos Drummond de Andrade. Ele próprio qualifica de misero o "tempo presente"; nem as exigências do seu lirismo poderiam ir além do

"... tempo pessoal intransferivel, único, filtrado
pela experiência poética
pela observação na natureza
pelos jogos diurnos e noturnos que outorgam à canção de sempre a magia inventiva da surpresa e da descoberta".

A sua concepção da vida é rigorosamente naturalista. O espírito é o arauto do sofrimento; onde ele existe há dor e lágrimas. E Lêdo Ivo quer que a "poesia seja riso e não lágrimas":

"Que neste momento
a poesia seja
riso e não lágrimas.
Nunca asssás louvada,
que ela esteja sempre
a serviço da vida
sem trair os homens.
Poesia e cálcio.

Porisso o espiritual foi banido do seu mundo, onde não há lugar para o sofrimento. Lêdo Ivo será, talvez, o mais anticristão dos nossos poetas jovens. Não porque negue o Cristo: muitas vezes os que o negam são os que sentem mais forte o seu chamado, e nem se empenhariam em negá-lo, si não o amassem muito. Não. Lêdo Ivo não pertence à espécie dos renegados; não é por negar o Cristo, mas por ignorá-lo que ele é anti-cristão. Dele Octávio de Faria poderia dizer que não é cristão o sangue que lhe corre nas veias. E diria bem. Porque o autor de "Ode ao Crepusculo" parece-lha um poeta do mundo antigo, anterior a era cristã. O fenômeno é digno de nota, pois não é tão fácil, como poderia parecer, escapar alguém ileso a dois milênios de cristianismo. Todos nós, queiramo-lo ou não, vivemos sob o signo da Cruz — dessa Cruz que sentimos pesar nos nossos ombros quando sofremos, e que não podemos arrancar de nós sem que a sua sombra nos persiga a cada passo.

Por vezes o poeta se dá conta que os tempos estão mudados que essa plenitude pagã não está mais ao seu alcance, e lhe foge a cada minuto.

Então uma vaga melancolia ensombrece os seus versos, e ele canta a nostalgia de uma "vida verdadeira", que o tempo soterrou:

"Que venha ter comigo, triunfal como uma galera,
a vida verdadeira, difícil de ser definida,

Ilustração de Van Rogger

porque só a sua fruição elementar pode explicá-la.
Venha o tempo em que o amor era o encontro fecundo após
[a separação
e havia descobertas e aventuras e intimidade com o mara-
[vilhoso
e as rosas compreendiam a intenção dos ventos e os campos
[ondulavam ao sol
e as cantigas das mulheres arrastavam a noite para a am-
[plidão da terra
e as recém-casadas pariam dando gritos espantosos
e o homens estavam diretamente ligados com os montes e
[os rios e os bichos e as estações.
Que em mim mesmo se crie o canto, para que eu me cumpra
[verdadeiramente
como as nossas faces na face dos espelhos.
Que o meu exilio seja mais que o silêncio — a dor de não ter
e às disciplinas imemoriais.

O próprio amor, para Lêdo se resume a ventre, seios e pernas. O poeta sente na ale-
Ivo, é uma realidade sem con- gria silenciosa da posse pulsar
teúdo espiritual. Um dos seus o ritmo elementar da vida e
temas mais constantes é a mu- canta a "inocência das coisas
lher, no esplendor da sua nu- que só se realizam nuas":
dez; nos seus cantos a mulher

"Quero agradecer-te o amor à vida que me comunicas
com a euforia do teu silêncio e o entusiasmo de teus seios nus.

* * *

Te moves sob as caricias, lembrando que os animais não
[morreram.
Te espalmas no colchão das areias como uma serpente sob o
[sol
e eu repito a biologia, a floresta e o encanto
Teus movimentos, ordenados pela duração da vida, desco-
[nhecem os pecados
O' inocência das coisas que só realizam nuas!"

Não é o amor real que ele canta, feito de prazer e an-
gústia, de extases que são a ciência na festa dos sentidos
antecipação do desespero. Não
é o amor de que nos fala Una-
muno: "hay em la hondura del
amor una hondura de eterno
desesperar-se" "porque de este
amor carnal y primitivo (...)
de este amor de todo el cuerpo
con sus sentidos, que es el ori-
gen animal de la sociedad humana, de este enamoramiento
surge el amor espiritual y do-
loroso".

O amor que Lêdo Ivo ideali-
za é uma experiência de di-
luição cósmica da personalida-
de; é o aniquilamento da con-
quietude da Natureza:

"Como a flor ignora
o tempo noturno
de raiz e húmus
assim me ignoro
entre os braços teus"

Também na poesia ele busca essa forma de evasão da individualidade; porisso ela se confunde, na visão do poeta, com o ato do amor. Nas pró-
prias imagens que ele utiliza para definir a poesia reponta com insistência, o tema do apagamento de si mesmo, e da sua integração na plenitude e quietude da Natureza:

"Consumir-se no próprio canto — eis o essencial
ao poeta. Dar-se inteiramente
como um cadaver que se desintegra.
Dar-se inteiramente como a jovem que à noite
é desterrada de si por quem a ama.
Dar-se inteiramente como asas de pássaro
cortam o azul azul da manhã...
Dar-se inteiramente, como o ruido do mar
se oferta à inteligência das crianças na praia...
Dar-se inteiramente, para não morrer,
como fôlha voante se oferece ao outono.
Dar-se inteiramente.

Quem leu "Ode e Elegia" de Lêdo Ivo, publicado em 1945, notará neste seu "Ode ao Crepusculo" um progresso sensível. O delirio verbal que o possuia, e o possui ainda, já é no entanto mais contido e disciplinado. A sua poesia já não se apresenta tão diluida pela facilidade do versejar; adquiriu maior concentração e consistência, embora ainda deixe muito a desejar neste particular. Não lhe faria mal um pouco menos de calcio na sua poesia, e um mpouco mais de inquietação e de procura.

A Atualidade de Charles Cros

VAN ROGGER

Em julho de 1942, em Marselha, o grande poeta René Char apontava-me a importância de Charles Cros para êle e para todo verdadeiro poeta da nossa época. No entanto sua celebridade é ainda subterrânea e seu destino continua o de um desconhecido.

A causa do silencio que ainda envolve á personalidade de Charles Cros, talvez seja a multiplicidade mesmo de seus dons.

Em todos os ramos foi sempre um contribuidor irregular. E por esta razão queremos apresentá-lo aqui com um monólogo que contribuiu grandemente para lançar Coqueten não sem no entanto tirar Cros da obscuridade.

Pertencendo a uma familia de vultos excepcionais, nasceu em 1.º de outubro de 1842 e morreu a 9 de agosto de 1888 em Paris.

Publicou dois volumes de poesias: "Le coffret de Santal e o "Le Collier de Griffe" que não tiveram repercussão, mas que colocam na companhia dos Lafoque Jarru Lautréamont, Apollinare, Nerval Ronsel, etc. Boemio inveterado, indiferente á opinião "dos outros", marcado pelo anjo das trevas, sem laços verdadeiros que o prendessem ã vida material, numa época burguesa êle revela ter os dons excepcionais e a sabedoria universal dos grandes homens do Renascimento.

Eis o que nos diz dele Emile Gautier: "A não ser talvez o Raio X, o Radium e a telegrafia sem fio — e assim mesmo não poria minha mão no fogo — o nome de Charles Cros está ligado a tudo de extraordinário e de fecundo que se fez nos últimos quarenta anos ... (1903)..."

Vejamos: sem ter nem mesmo o curso da "Polytechnique", êle descobriu: A síntese das pedras preciosas, o radiometro, o fotofone.

E' o primeiro a estabelecer os princípios da fotografia em cor pelo método das três impressões (tricromia) baseado na decomposição e triagem das três côres fundamentais. Enfim, antes de Edison, inventou o gramofone.

E' preciso lembrar o seu tratado de "Mécanique cérebrale". seus estudos sôbre a eletricidade, seu estenógrafo musical (melotrope), telegrafo autográfico, cronômetro, seus projetos para a telegrafia ótica interplanetária etc... etc...

Matemático, físico, químico, filósofo e poeta êste homem incrivel se presta a comentários por demais copiosos. E' preciso. porém, de vez em quando, chamar a atenção sôbre êle pois, como ninguém, está intimamente integrado nos elementos que constituem nossa vida quotidiana.

O BILBOQUÊ

Monólogo de CHARLES CROS

(Traduzido do francês por Celina Aguirre)

NÃO, não quero tomar seu tempo. A história vai caceteá-lo. São dessas coisas que acontecem com qualquer artista. Enfim, vou ver se conto em duas palavras (tira o relógio e olha a hora) porque preciso ir trabalhar.

Foi num domingo, lá pelos lados da Bastilha, numa rua de muito comércio, com calçadas largas e árvores empoeiradas. Era hora de se fecharem as casas de negócios, pequenas lojas cujos donos vêm sentar-se na calçada à tarde, enquanto as crianças brincam na rua. Passava muita gente vindo dos subúrbios. Eram armarinhos, quitandas, casas de ervas medicinais... E foi justamente em frente a um herborista que vi um grupo de pessoas, de boca aberta como uns bobos, em volta de um garôto de uns quinze para dezesseis anos, de cabelos de um louro sujo, desbotado, olhos empapuçados e mãos grossas. O pirralho estava ali, com um ar idiota, a jogar, sabe o-quê? Bilboquê!... Ah! Já tinha acertado dezenove vêzes a bola no cabo... e continuava a contar: vinte, vinte e cinco, trinta... E isto fazia juntar gente!

Até as meninas pararam de brincar para vêr. Uma sensação!...

O rapazinho, exaltando-se, passou a fazer outros exercícios; recebe e mantém a bolo em equilibrio sôbre a ponta. Pega a bola na mão, joga o cabo que roda e vem se enfiar na bola. Murmúrios de aprovação da assistência! O jovem artista pega o bilboquê no ar e entia na bola, depois pega a bola entia no cabo. Faz isto durante algum tempo e para terminar com uma proeza mais sensacional — conhece bem o público — com um canivete corta o cordão e com um movimento de pulso joga a bola que girando sôbre si mesma, volta invariavelmente para se entiar na ponta do bilboquê...

Aí tive que interrompê-lo. Já era demais... Disse-lhe, então: "Pelo que vejo caro amigo, você pensa que sabe jogar o bilboquê. Tomei-lhe o bilboquê das mãos. "Êste bilboquê não vale nada. Não tem bastante pêso para os primeiros exercícios, nem precisão suficiente para o jôgo correto um pedaço de lenha como êste só serve para fazer perder a mão!" Experimentei a bola fazendo rolar sôbre meu braço e vejo que o centro de gravidade não estava no eixo do orificio! O menino me olhava muito espantado pois não sabia o que era centro de gravidade — e queria ser bilboquista!

Foi logo dizendo: "Ponha isto no fogo. Para começar é preciso pelo menos durante seis meses treinar o braço com um bilboquê Thompson em bronze de alumínio. (Ao público). Os de platina são melhores mas são muito caros para um herborista. — Sim, seis mêses pelo menos de exercícios com o Thompson. Foi o que fiz, meus senhores, não apenas seis mêses mas três anos: e depois de três anos ainda não sabia nada. Tinha resistência, o braço mais firme, mas não sabia coisa alguma!

Passei então para o bilboquê Schutzenberger de ébano com bola de marfim — isto é, a bola é de Cascarini, de Bolonha. Cascarini faz as melhores bolas ao mundo mas não entende nada de cabos, tanto assim que desistia de fazê-los. Não há cabos como os de Schutzenberger quero dizer os antes de 1817. assinados! Os modernos são cortados a machado. E' verdade que Van-der-Dussen, pai de Roterdam, imita os Schutzenberger bastante bem, mas hoje só são encontrados de segunda mão e como são baratos já foram mal usados... e quando um bilboquê foi mal jogado... pissi (gesto) Quanto às imitações belgas de can Mericlix, são mal torneadas, mal centradas, não valem nada! Em Ravena há, porém, um fabricante que é um artista. Giambatlista Faronc, é uma maravilha para fazer retoques e montagem.

Quanto ao cordão, isto é uma outra história. Só há um no mundo que presta. E' fabricado por João Fonseca, de Lisboa. E' preciso macerar, deixar de môlho — duas horas, nunca mais — numa solução de vitriol verde, depois deve secar para se passar então óleo de amêndoa conservado em lugar bem sêco. E' preciso vêr também a maneira de esticá-lo no fuso de cobre e de enrolar na bobina oval. Para tudo isto tenho as fórmulas e os aparelhos em minha casa. Não adianta você procurar noutro lugar.

Agora, quanto à maneira de prender o cordão no cabo do bilboquê e depois na bola... Ah, isto você não saberia fazer... nem nunca saberá! Eu mesmo não sei. Enfim, quando quiser venha me procurar que eu faço para você.

As pessoas em volta pareciam já não estar nada interessadas no que eu tinha a dizer, mas há coisas que um artista não pode deixar passar! Contei ao rapazinho como me havia preparado. Trabalhei durante seis mêses, três anos, com um Thompson — mas trabalhando de verdade. Levantava-me às seis da manhã. Meia hora para tomar uma sôpa e fazer um pouco de exercicio. Sempre sôpa, café com leite e outros excitantes nunca tirando a firmeza dos nervos. A's sete, sete e um quarto, começava a trabalhar. Ah, como já me doia o braço por volta das dez horas (gesto), mas continuava até dez e meia. Parava então, e a meia hora, até onze, era para aplicar duchas frias e fazer fricções com sal grosso para evitar as cãimbras. De onde ao meio dia saia para dar um passeio. Ao meio dia almôço. Sôpa, carne e um prato de legumes. A's vezes um doce para sobremesa. Muito pouco vinho, café nunca! Depois do almôço mais uma voltinha: mas à uma hora já estava de volta trabalhando. A's quatro horas, mais uma ducha fria (sem fricção) e um pedaço de pão simples. E voltava ao meu instrumento até às seis da noite. Um jantar muito leve, um pequeno passeio. Reparei que um descanso à noite abre o espirito para novas combinações. A prática não é tudo na arte, é preciso também um pouco de imaginação! A's dez e meia, o mais tardar, cama. Durmo com o bilboquê ao meu lado, na mesinha de cabeceira, porque posso ter de repente uma idéia, ou ter insônia. Fiz isto todo santo dia, durante dez anos, e no fim de dez anos o que é que eu sabia? Nada, realmente nada. Mas não perdí coragem e comecei a trabalhar mais dez anos (nunca se sabe mesmo coisa alguma).

MORTE

GEORGE MATTOS

UM caminhar por terras obscuras,
E a decomposição instantânea da luz
Que não é a alma das coisas,
Mas a revelação dos destinos implacáveis.
Um sentido angustioso de não sentir,
E a imperfeição intranquila de música
Que não sôa aos ouvidos
Mas se derrama pelos recônditos da alma.
Um mêdo agônico do eterno,
E um crucifixo de prata
Esquecido na parêde.

Escritor Lopes de Andrade

SUA POSSE NA ACADEMIA PARAIBANA DE LETRAS

Tem sido grande o esforço dos escritores brasileiros da nova geração no sentido de libertar totalmente as provincias do jugo da metropole.

Lopes de Andrade

Em quasi todos os Estados da Federação surgem revistas literárias, animadas desse propósito, que de certo modo estão operando a descentralização da cultura e consequentemente a valorização das letras regionais e ainda pondo por terra o argumento de que é preciso ir ao Rio de Janeiro para vencer em qualquer ramo da literatura.

No seu discurso de posse na Academia Paraibana de Letras onde agora ocupa a cadeira de Maximiano Machado, o jovem sociologo paraibano Lopes de Andrade defendeu a posição dos escritores que têm se batido por esse principio revitalizador e apontou como um dos exemplos mais frisantes o patrono de sua cadeira que, ficando na provincia, realizou uma obra de indiscutivel valor, como seja a **Historia da Provincia da Paraiba**.

A posse do escritor Lopes de Andrade correu no dia 21 do corrente, e a solenidade contou com a presença do governador Oswaldo Trigueiro, que presidiu a sessão, arcebispo metropolitano D. Moisés Coelho, dr. Ivaldo Falcone, secretário do Governo, prefeito Elpidio de Almeida, de Campina Grande, academicos e outras autoridades civis, militares e religiosas.

A saudação ao novo membro da A.P.L. foi feita pelo academico Higino Brito.

COMO VIVEM OS GRANDES INTERPRETES DA POESIA INGLESA

(Conclusão da página 6)

Em busca de objetivos ainda
não descobertos.
Não há nada que valha a glória
[ria da vitória
A não ser o riso e a amizade
[dos amigos.

5 — CECIL DAY LEWIS

Tem quarenta e quatro anos de idade e vive em Devonshire. E' uma voz muito conhecida no rádio, lendo não só suas próprias produções como poesias alheias. Numa esfera completamente diferente, êle é Nicholas Blake, autor de novelas policiais vastamente conhecidas. No poema **O Conflito**, Cecil Day Lewis alcança extrema simplicidade:

Cantando, eu estava em paz,
Acima das nuvens e fora da
[terra,
Porque a tristeza encontra alivio rápido na canção
E o orgulho seu pouso.

Agora, no **O Cavalo de Corrida** — tradução das **Geórgicas**, de Vergilio — o poeta nos revela o conflito das forças da natureza:

Depois, êle desafiará o vento
Para uma corrida, e, como se
[estivesse livre da rêdea, êle
[voará pelas abertas
Planicies deixando, apenas,
[uma leve marca das suas pe-
[gadas na poeira.
A' maneira do vento norte,
[quando vem das fronteiras
[geladas, acumulando fôrça,
Ele mergulha e leva ao acaso
[as frias e sêcas nuvens seten-
[trionais.
Os trigais imensos e o mar
[profundo
Trêmem sob as rajadas que
[açoitam e as copas das árvo-
[res florestas
Gritam, e longos vagalhões
[vêm rolando em direção à
[praia.

6 — WALTER DE LA MARE

Completou setenta e cinco anos de idade. É o mais amado e o menos criticado dos poétas inglêses de hoje. Seus numerosos admiradores expressaram, há pouco, numa poliantéia o alto conceito em que o têm como amigo e como poéta. Ninguém esquece fácilmente a voz calma de Walter de la Mare, quando êle declama versos. Muito raro são os apreciadores da poesia inglêsa que desconhecem os ouvintes:

Nunca a menor agitação fêz os
[ouvintes
Embora tôdas as palavras que
[êle pronunciou
Encontrassem eco nas sombras
[da casa silenciosa
Do único homem que ficou des-
[perto.
Sim, êles sentiram o seu pé no
[estribo.
E o ruido do ferro nas pedras.
E como o silêncio se fez vagarosamente de novo,
Depois que o cavaleiro se foi.

7 — DYLAN THOMAS

Nasceu em Gales. Tem trinta e quatro anos de idade e mora perto de Oxford. Sua voz vibrante é muit apreciada entre os rádio-ouvintes. Sua poésia não é facil de ser compreendida: deve ser declamada em voz alta para que se possa obter todo o efeito.

Ouçamos o **Morro das Sambaias**:

Quando eu era jovem e descuidado frequentador dos
[celeiros
Que havia no pátio feliz, eu
[canto, pois a herdade era o
[meu lar.
No sol, que é juvenil uma única vez.
O tempo deixava-me brincar:
E, jovens e contentes eram o
[caçador e o pastor.
E as novilhas respondiam á
[minha trompa.
As raposas, nas colinas, ra-
[gougavam clara e friamente.
E o domingo ressoava muito
[devagar
Nos seixos dos regatos sagrados.

8 — ANDREW YONG

Educado na Escócia, onde nasceu. Já foi ministro da Igreja Escocêsa. Atualmente é sacerdote de uma Igreja na Inglaterra, com a paróquia em Kent. Grande conhecedor de flôres silvestres. Seu último volume de versos intitulado **The Green Man** (O homem inexperiente) foi publicado o ano passado.

O simbolo do **Carneiro Morto** transforma-se numa obcessão:

Mais quieto que uma pedra,
[êle jazia.
O focinho, com a pele meio
[arrancada;
E as joias preciosas tinham
[desaparecido.
As órbitas emitiam um raio
[escuro
Que procurava no meio es-
[quéleto sombrio.

O Correio NA SERRA

LOPES DE ANDRADE

O Nú como Traje Regional

Milton Coura foi meu companheiro de primeiras aguas literárias. Junto fizemos aqui em Campina Grande. um jornalzinho sem letra maiúscula chamado "flâmula" As rodas intelectuais da Cidade saudaram-no desconfiadamente, dizendo que aquilo "era a revolução comunista nas letras campinenses" E' claro que não era isso. embora posteriormente Milton Coura tivesse se inclinado para o Comunismo.

"flâmula" agitou o meio literário serrano, fez barulho nos ginásios, de onde um diretor ranzinza chegou a expulsá-la formalmente sob a alegação de que era um "jornaleco de fedêlhos que não se dava a respeito".

Hoje, recordo tudo isso, porque a leitura de um dos últimos números de "Planfeto", para o qual Milton Coura colabora no Rio de Janeiro, fez-me recordar o companheiro ausente. Apezar de estarmos em frequentes divergencias intelectuais, mantivemo-nos sempre incondicionalmente amigos.

Milton Coura tinha uma verdadeira fobia à influência que Gilberto Freyre exercia sôbre nossa geração; e digo nossa geração porque ele também sentia essa influência, embora se rebelasse contra ela.

"Dou-me ao trabalho de lêr tudo que você escreve sòmente para ver si algum dia você deixa de citar Gilberto Freyre em seus escritos", disse-me certa vez.

Essa fobia ao Mestre de Apipucos verifico que Milton Coura ainda a conserva, decorridos quase dez anos. Num excelente artigo para o semanário carioca de marco p. passado, o jovem paraibano, que é filho de Taperoá, diz que um discípulo do sr. Gilberto Freyre lhe informara que vai escrever um estudo sôbre o traje regional nordestino.

Para Milton Coura uma idéia dessas somente poderia caber na cabeça de um discípulo da escola de Apipucos. "O traje regional nordestino. proclama êle ironicamente, é o nú não artistico". E sem demora, passa a explicar seu ponto de vista que, com ser original, não deixa de ser bem fundamentado:

"A verba média anual de uma família pobre sertaneja, para a compra de roupas, com todo o otimismo de que sou capaz, não a posso calcular em mais de trezentos cruzeiros. O homem do campo possui um palitó curto e uma calça para ir às feiras, enterros, sambas e missas; para o trabalho, uma calça e uma camisa feita com sacos de farinha de trigo A mulher tem apenas alguns trapos caseiros".

E' claro que não se pode concordar inteiramente com êsse exagero sociológico. Porém, num ponto, pelo menos, de seu artigo, estou de inteiro acôrdo com êle. "Nenhuma região pode manter as súas tradições se não o permitem as condições econômicas. Esta é a verdade", diz Milton Coura.

Com efeito, esta é a verdade; somente não percêbo porque, permitindo cada vez menos as condições econômicàs do Nordeste que suas tradições se possam manter, não se deva, porisso mesmo, estudá-las A conclusão a tirar da premissa, evidentemente verdadeira, de Milton Coura, parece-me ser assim o inverso da que êle tirou,

Mas, com esta pequena notícia sôbre o jovem taperoaense, não tenho, senão o intuito de chamar a atenção dos meios culturais paraibanos para um dos mais legítimos valores intelectuais da nossa Provincia que os azares da sorte levaram para a Metrópole e lá começa, enfim, a aparecer.

Milton Coura surge-nos agora, do centro para a periféria, mas com uma facêta nova: a de ensaista. Ele é, sobretudo, um poeta nato, um mágico criador de ritmos. Há alguns mêses atraz antes de emigrar, para o Rio, veio reclamar a guarda de seu tesouro, que anos antes me confiára: os esboços de um livro de poêmas que entitulara "Poêmas de ritmo rebelde". Devolvi-os e desejei-lhe bôa sorte. Cópias esparsas dêsses poêmas, porém, ainda se encontram em meu poder. Mando alguns deles, embora não os melhores, para o meu amigo Edson Regis, que também é um poeta de raça e os entenderá melhor do que eu. Os leitores do "Correio das Artes" decidirão si o poeta da Provincia, meio 'baudelaireano, meio keatseano, merece mais louvôres do que o ensaista da Metrópole, amigo dos sertanejos e inimigo do sr. Gilberto Freyre.

Quanto a mim, há muito que fixei minha opinião a este respeito.

SALA DE ESPERA

(Conclusão da última página)

meia. A sua mãe já deve andar falando:

— Que dentista para custar! Menina remanchona!

Marieta volta a olhar para a mocinha feia. Se ela fosse assim? Torna a pensar. Ninguem lhe prestaria atenção. Lança a vista para o velho que agora está lendo o jornal. E' barrigudo e parece ser pobre. Compadece-se do velho. O botão do lado de fóra revela o desleixo em que vive o homem. Marieta compara o velho com o seu pai. Tem ligeiros traços. Seu pai é mais simpático, muito embora ela o tivesse visto, um dia de ceroulas, cocando a perna cabeluda. Que pensamento horroroso! Marieta sacode a cabeça. O velho continúa na leitura, indiferente a tudo. A mocinha não tira os olhos do livro.

Tão feia, coitada!, que só presta para viver metida em livros. A senhora gorda agora se abana com o leque. As pernas parecem pernas de boneca de pano. Uma boneca de pano que sua tia um dia comprou na feira. Nunca se viu coisa tão semelhante. A mulher volta os olhos para Marieta. A menina finge um ar de importância. Cruza as pernas como aquela atriz do cinema. A mulher, porém, vagueia o olhar pelo salão e Marieta aproveita o momento para observá-la. Fica horrorisada com a feiura da mulher. Os seios de papa, tão derramados que parecem um só. Marieta abre a boca num bocejo. Sente lágrimas nos olhos:

— Deixa de coisa feia, menina! — repreende a mãe.

Recorda-se daquele carão que levou diante das visitas, sòmente porque abriu a boca num bocejo.

A porta se abre. Marieta sente o coração bater. A figura do dr. Hermes surge se despedindo de uma cliente alta e magra que sai caminnando plof, plof, plof pelo salão

Marieta se levanta. Graças a Deus terminou a longa espera. Sorri diante do dr. Hermes.

— Bôa tarde, beleza!

Marieta fica encabulada e quase cái de felicidade. A voz do dentista fica-lhe martelhando os ouvidos, como o tema de uma música suave:

— Bôa tarde, beleza! Bôa tarde beleza!...

POEMA

RAIMUNDO NEWTON DE MENEZES

A MAQUINA

Rodando,
A tábua passando
O caváco saindo,
O menino
Apanhando
E botando no saco...

Também
Roda o tempo,
E nós vamos
Passando,
E o saco
Da vida
Está cheio de cavácos...

SALA DE ESPERA

Conto de CARLOS ROMERO

A SALA do dentista estava um verdadeiro forno àquela hora da tarde. Um silêncio soleoso, cheio de preguiça, pesava sôbre as quatro criaturas sonolentas que ali aguardavam a vez de entrar no gabinête dentário.

Que calor! — lamentou Marieta. — De súbito, levanta-se da cadeira, ageita os cabelos alourados e, meio encabulada, ante os olhares dos clientes — parecem condenados à morte — vai até a janela, olhar o movimento da rua. Talvez, Alberto passasse por ali naquele momento.

Intoleravel ter de esperar que o dentista abra a porta do gabinete. Nada pior do que tratar de dentes. Depois, aquele motor roendo a carie e a gente se retorcendo na cadeira e o pedal da máquina num rítmo enervante:

— Dr. ainda custa muito o tratamênto?

E a voz animadora:

— Não, não. Coisa de uns dias apenas.

Às vezes, quando a agulha do motor bate no nervo, temos que esquecer o sofrimento, a pontada imprevista e dolorosa. Fazemo-nos de fortes. E que cheiro enjoativo de remédio!

— Tem ido ao cinema d. Marieta? — pergunta o dr. Hermes.

— Pouco. Mamãe raramente vai ao cinema. Sômente aos domingos, quando passa filme de Charles Boyer.

Pra que disse isto!... O dr. Hermes vai pensar que a sua mãe é uma mulher fútil. Marieta se arrepende da leviandade.

O motor roendo o dente cariado. Os olhos do dentista são claros e românticos. Têm qualquer coisa de um poeta que ela viu num livro. O mesmo bigode, a mesma calma no olhar. Outra pontada no nervo. Um estremecimento.

— Oh! Doeu d. Marieta?

— Um pouquinho, doutor, um pouquinho — mentiu Marieta.

Lembra-se da mãe sentada fazendo crochê gritando para a cozinha:

— Maria... Maria... Ô, Maria...

O silêncio. Depois a voz vindo de lá de dentro, como se estivesse sufocada num baú:

— Inhora...

E a voz enérgica:

— Vá acordar Marieta. Está na hora do dentista.

Envolta no lençol quente, ela divaga. Tão bom ficar semi-acordada... Esquecer os estudos, a chateação do povo de casa, a obrigação de ir ao dentista. Enche-se de raiva com aquela ordem da mãe. Nunca se esquece de nada. Vive com a atenção para o relógio. E se soubesse do beijo que Alberto lhe deu ontem... Marieta procura sonhar com o namorado. Desenha mentalmente um sonho: está passeando no jardim. Alberto lhe fala dos cabelos. Diabo! Por que ela não sonha de verdade? Nunca mais sonhou. As meninas do colégio todos os dias trazem um sonho para contar:

— Bichinha, ontem eu tive um sonho daqui...

Marieta imagina o namorado apertando-lhe a centura. Que vergonha! Se a mãe lhe advinhasse aqueles pensamentos... Mas que é que tinha? Não se beija no cinema?

Se Charles Boyer pedisse um beijo à sua mãe, esta consentiria, contanto que o papai não visse nada... Não. Sua mãe era uma mulher séria. Ela, sim, era uma leviana, pensava coisa ruim. E' preciso se confessar domingo. Contar tudo o que lhe vai pela cabeça ao padre Xavier.

A porta abre-se. A cara preta de Angelina surge da obscuridade do quarto. Marieta finge dormir. A negra mexe no seu braço:

— D. Marieta... D. Marieta...

A menina imita um ronco. Escancara a boca. Os lábios parecem pedir um beijo que não vem. Os seios fóra da camisolinha fitam o tecto e parecem ter bicos de passarinho.

— D. Marieta... D. Marieta...

O pequeno corpo agóra se espreguiça, vira-se de bruços. Marieta encosta o rostinho no calor do travesseiro. Faz de conta que é o travesseiro é o rosto de Alberto. Que bom!...

Na sala, um grito estoura no silêncio do quarto como uma bomba:

— Dê um puxavante nessa preguiçosa! Já está passando da hora do dentista.

***

Marieta contempla a rua. Fixa os olhos numa figurinha que passa de sombrinha vermelha. Observa-a da cabeça aos pés. Lamenta os sapatos fóra da moda. O casaco não combina com a saia. Um automovel rola pelo calçamento, e o rapaz que dirige parece com Alberto. Não. Alberto é mais bonito. Pena é ele não saber guiar automoveis... E um estudante pobre, muito embóra sempre lhe díga aos ouvidos, quando os dois estão de mãos enlaçadas sentados num banco da praça:

— Marieta, quando eu me formar, iremos morar num bangalô.

Sorri. Tem de esperar oito anos ainda para realizar o casamento. Ela vestida de noiva, gente curiosa na porta da igreja, a marcha nupcial, Alberto bonito como nunca. Oito anos!

O sol bate-lhe na testa. Marieta volta à sala de espera. Um velho de roupa de brim cochila num canto, um jornal esquecido sobre os joelhos. Virgem Maria! Um botão da calça de fóra. Que vergonha! Marieta muda logo a vista do velho. Uma senhora gorda, de preto, aguarda, pacientemente a sua vez. Os seios se derramam pelo colo amplo. Como é feia... — pensa Marieta. Uma mocinha magra, de óculos, os cabelos espichados que nem rabo de cavalo, a carinha salpicada de espinha, lê um livro. Marieta analiza-a com insistência. Se tivesse aquele rosto, aqueles cabelos sem vida, como seria infeliz!...

A porta do gabinête geme. Marieta se ageita. Sua vez chegou. Prepara-se para se levantar da cadeira. Oh! que abuso. Ninguem sái de dentro. Consulta o relógio: quatro e

(Conclue na página 15)

Correio das Artes

Suplemento literário de A UNIÃO

João Pessoa, Paraíba, 24-4-1949

PINTURA PARAIBANA

MACEIÓ — Óleo de J. Lyra